

# CRÔNICA

## UM ANO LECTIVO MAIS DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TEOLÓGICAS

No dia 6 de Outubro de 1986, o Instituto de Ciências Humanas e Teológicas abriu as suas portas para iniciar mais um ano lectivo — o décimo terceiro da sua história — assinalando a efeméride com a Assembleia Conjunta regulamentar, com uma conferência sobre *S. Agostinho, ontem e hoje* e com uma Concelebração Eucarística.

### *Assembleia Conjunta*

Com a participação de professores, alunos e funcionários, presidiu à Assembleia Conjunta o Director, que começou por saudar a todos, fazendo uma referência especial aos novos professores, Doutor António Custódio Gonçalves e Dr. Anselmo Borges, e aos novos alunos que começavam a fazer parte não apenas de uma escola onde se aprende mas de uma comunidade onde se vive. A propósito, sublinharia que o objectivo do Instituto não se confina à área do racional ou do cultural mas exige a mobilização do homem todo. O estudo teológico pressupõe um contexto espiritual e existencial caracterizado pelas virtudes teológicas e uma escola de teologia tem de tornar-se um espaço de partilha e de comunhão animado pela fé.

Depois de algumas considerações sobre os programas, o Director informou que tinha sido decidido transferir oportunamente a Teologia para as instalações da Quinta do Paraíso onde funciona a sede do Centro Regional da U. C. P. no Porto. E manifestou a esperança de que com esta decisão se facilite o acesso dos leigos aos estudos superiores de Teologia, se promova a interdisciplinaridade sobretudo com as ciências humanas e se venha a reconhecer a necessidade de organizar cursos de extensão universitária. Depois de uma época em que a teologia caiu em descrédito relegada para o âmbito clerical e identificada com um «saber ocultista» assiste-se agora, sobretudo após o Vaticano II, a um maior apreço e recrutamento de interesse, na medida em que a teologia tenta aproximar-se das formas contemporâneas da cultura e das situações concretas dos homens. Do diálogo da ciência da verdade revelada e da própria experiência da fé com as outras ciências resultará certamente a unificação do saber, aquela forma superior de conhecimento que é a sabedoria, capaz de dar ao homem um quadro harmónico de conceitos e de valores.

O Director apresentou como modelo desta sabedoria, S. Agostinho no seu itinerário à procura de Deus e da verdade, que a Igreja celebra o XVI cen-

tenário da sua conversão, efeméride que se quis assinalar, nesta inauguração do ano lectivo, com uma conferência da Doutora Maria Cândida Pacheco, professora da Faculdade de Letras do Porto.

Os professores e alunos separaram-se, entretanto, para proceder às eleições para os diversos órgãos de governo ou de representação previstos no Estatuto Geral do I. C. H. T. e que asseguram uma participação orgânica e corresponsável.

Em Conselho de Professores foram eleitos como seu Presidente e Secretário, respectivamente, os Dr. Manuel de Pinho Ferreira e Dr. António Maria Bessa Taipa, e como Directores do Ciclo Filosófico, do Ciclo Geral e do Ciclo Pastoral, respectivamente, os Dr. António Augusto de Sousa Marques, Dr. Arnaldo Cardoso de Pinho e Dr. Raimundo de Castro Meireles.

Os Directores de Ciclo foram depois mandatados pela Comissão Permanente para fazerem parte, como representantes dos professores, da Comissão Directiva, juntamente com o Director, Dr. José António Godinho de Lima e com os representantes dos alunos, Avelino Jorge Pereira Soares, da Diocese do Porto, Francisco Leonel Granjo Mina, da Diocese de Bragança e José Oscar Teixeira Mourão, da Diocese de Vila Real, nomeados pela Comissão Permanente dentre os candidatos propostos pelos Seminários e Residências das Dioceses e Institutos Religiosos, membros ordinários.

Entretanto os alunos escolhiam para fazer parte do Conselho de Alunos, como delegados de Ciclo, José Oliveira da Silva, da Diocese do Porto (Filosófico), Delfim Jorge Esteves Gomes, da Diocese de Bragança (Geral), Avelino Jorge Pereira Soares (Pastoral), e como delegados de Curso, Joaquim Manuel Silva Pinho, da Sociedade Missionária Portuguesa (ano Propedêutico), António Manuel Santos Martins, da Diocese do Porto (1.º ano), Emanuel Reis Queirós Mesquita, da Diocese do Porto (2.º ano), Fernando Pires Alves de Moura, da Diocese de Vila Real (3.º ano), Álvaro Manuel Moreira da Rocha, da Diocese do Porto (4.º ano), Mário Joaquim Rodrigues Barros Coutinho, da Diocese do Porto (5.º ano), Alípio Germano Couto Bessa Barbosa da Diocese do Porto (6.º ano). Estes escolheram para seu Presidente e Secretário, respectivamente, Mário Joaquim Barros Coutinho e Avelino Jorge Pereira Soares.

#### *Conferência sobre «S. Agostinho — ontem e hoje»*

Em sessão alargada às pessoas interessadas e sob a presidência do Senhor Arcebispo-Bispo do Porto, a Prof. Doutora Maria Cândida Pacheco desenvolveu o tema em epígrafe, depois de ter sido apresentada pelo Dr. Raimundo de Castro Meireles.

A conferente procurou situar na nossa época — em que se esgota um sentido de filosofia desencarnada e dominantemente epistémica e se buscam novas direcções do humano — o pensamento filosófico de Agostinho e mostrar a sua actualidade.

Os temas fundamentais abordados foram:

— *conceito de Sabedoria* e não de Filosofia como saber — que traduz a busca da Verdade englobante que atinja toda a vida do homem;

— *a dominância da via da interioridade*: se representa um certo fechamento em relação à cosmovisão da Patrística grega é duma fecundidade admirável na Idade

Média e uma das perspectivas mais actuais de S. Agostinho pelas suas incidências antropológicas;

— *a busca da verdade* como transposição teorizada dum itinerário vital que parte duma exigência radical de racionalismo, passando pela inquietante experiência de limite do cepticismo e adere ao Platonismo como exigência de fundamentação radical, entendendo-o, depois, como propedêutica ao Cristianismo;

— *a prioridade ontológica da verdade* — na sua origem platónica é transmutada por Agostinho num percurso que se inicia com o «Contra Academicos» e projecta a amplitude da formulação do seu «cogito»;

— *o movimento particular do pensamento agostiniano*: do exterior ao interior, do interior ao superior;

— *a interconexão do problema gnosiológico e do problema da existência de Deus*;

— *o optimismo antropológico* assente no entendimento da capacidade da razão para chegar à verdade, que torna o homem «capax Dei»;

— *o sentido metafísico da memória* como impulsionadora dum processo espiritual e a sua articulação com a temporalidade como expressão da estrutura ótica da criatura;

— *a íntima conexão razão/fé*, expressa pelo «crede ut intellegas/intellege ut credas», que traça uma via de meta-racionalidade, num ampliar do campo natural da razão;

Concluindo, a Conferente afirmaria: «Este legado agostiniano é preservado preciosamente ao longo dos tempos medievais; acolhido pelo franciscanismo; dialogando e fecundando o tomismo; afluindo nítido nos místicos: não simboliza a águia a «sublevatio mentis» que traduz a agudização máxima das capacidades da razão, antes da «alienatio»?

Se o racionalismo redutor o subalternizou e o esqueceu, fechado em si mesmo o círculo do uniforme e do humano, na sua subserviência ao relativo e ao fenoménico, poderemos esperar que, no século que se avizinha, a Filosofia busque de novo o Absoluto, retome a sua Via Regia, encontrando-se a si própria. E em Agostinho, o Mestre. De ontem e de sempre.»

Dado o interesse desta conferência esperamos publicá-la no próximo número da Revista.

#### *Concelebração Eucarística*

Finalmente o Senhor Arcebispo-Bispo do Porto presidiu a uma solene Concelebração Eucarística, na Capela do Seminário, em que participaram Professores e Superiores das Residências. À homília, o Senhor Arcebispo fez o comentário da Palavra de Deus sobre a missão do Espírito Santo na Igreja e concretamente numa escola de teologia e exortou a todos a um trabalho sério e responsável.

*J. Godinho de Lima*